



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

JORNAL DOS CEGOS : revista de typhloglogia : revista de educação e ensino intellectual e profissional dos cegos¹, foi editada em Lisboa, de Novembro de 1895 a 1920, num total de vinte e três volumes. Nas existências da Hemeroteca encontram-se os volumes editados desde o seu início até Dezembro de 1902, e um oitavo volume, de 1903, correspondente ao inquérito sobre o número de cegos existentes em Portugal nessa data. Foi uma publicação mensal com oito páginas por número. Os primeiros sessenta e dois números, que abrangem um intervalo de tempo de Novembro de 1895 a Dezembro de 1900, têm numeração e paginação continuadas perfazendo no seu nº 62 quinhentas e duas páginas. De Janeiro de 1901 a Dezembro de 1902, a numeração, quer dos fascículos quer das páginas, recomeça do nº 1 a cada novo ano, embora não exista indicação formal de que se trata de uma nova série. Cada número avulso tinha o custo de 3\$500 e o preço da assinatura anual era de 500 reis. Até ao n.º 50, o escritório e a redação funcionaram na Livraria Catholica, Rocio-Lisboa, tendo a partir do nº 51 a redação passado para a Livraria J. A. Pacheco, Rocio-Lisboa. Em Janeiro de 1902 a redação voltou à Livraria Catholica. A impressão foi sempre feita na Typographia Casa Portuguesa, 139, São Roque, em Lisboa. Toda a correspondência relativa ao Jornal dos Cegos, assim como o pagamento das assinaturas, deveria de ser enviada diretamente para as oficinas Branco Rodrigues do Asilo dos Cegos em Castelo de Vide.

O fundador do Jornal é em simultâneo, durante toda a sua existência, também o diretor: Branco Rodrigues², um filantropo desta causa, que faz constar nos primeiros números a sua intenção benemérita de doar todos os lucros obtidos com a venda do jornal: “todos os lucros d'esta publicação serão offerecidos pelo seu redactor á benemerita Associação Promotora do Ensino dos Cegos”; a partir do nº 4 é referido que os lucros reverterão a favor das “officinas «Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide”, oficinas assim batizadas como homenagem a Branco Rodrigues pela direção do asilo³, como veremos em pormenor mais à frente. No entanto, esta intenção só pôde ser cumprida a partir do momento em que a impressão foi custeada pelo estado:

“[...] Cumpre-lhe também expor que os primeiros numeros d'esta revista, que foram impressos á custa do redactor, deram uma grande perda, e como não

¹ Disponível na Hemeroteca Digital em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/JornaldosCegos/JornaldosCegos.htm>

² Biografia no final desta ficha histórica.

³ Enciclopédia Luso Brasileira, Vol. 5, p. 27.

*houve lucros, não pode ser beneficiada a associação a quem esses lucros eram destinados. [...].*⁴

Até ao nº 54 (de Abril de 1900), Branco Rodrigues figura também como redator, sendo essa função assumida, a partir do nº 55, por Álvaro Coelho, até Março de 1902, data em que Branco Rodrigues volta a ocupar o cargo.

OBJETIVOS

*“Pelos relações que estreitei com as diversas direcções dos principaes Institutos e Associações protectoras dos cegos, poderei informar os meus leitores, do movimento, hoje importante, de todas essas associações e escolas. Tratarei de todas as questões relativas à educação, ensino intellectual e profissional dos cegos.”*⁵

Branco Rodrigues encarou como missão da sua vida difundir tudo o que se fazia em diversos países da Europa em relação à educação dos cegos, em prol dos cegos portugueses. Louva João Franco “[...] benemerito homem de estado que decretou esse ensino no nosso paiz [...]”⁶ lamentando porém as infrutíferas tentativas que fazia há vários anos para que fosse aprovado e decretado o ensino dos cegos em Portugal, apenas conseguido em Dezembro de 1894.

O primeiro Instituto de Cegos e Surdos-Mudos em Portugal foi fundado em 1823 “sob a protecção da infanta D. Izabel Maria”⁷, com o aval de D. João VI: “Para esse fim mandou vir D. João VI, a expensas suas, da Suecia, o director do Instituto de Stockolmo, P. A. Borg.”⁸; projeto este que se viu abandonado em 1834 depois da sua integração na Casa Pia.

Em Junho de 1900, Branco Rodrigues publicava orgulhosamente no seu *Jornal dos Cegos*, a notícia de que por despacho lhe fora concedido “um andar no edifício da Escola Industrial Rodrigues Sampaio, para ali ser installado um Curso para ensino intellectual e profissional dos cegos [...]”, que ele próprio ministraria⁹. Viria a ser o Instituto de Cegos Branco Rodrigues.

A inspiração para esta determinação em ajudar os cegos, terá ficado a dever-se à cegueira temporária que acossou o seu avô aos 90 anos.¹⁰

Com a finalidade de atingir o seu objetivo foi incansável em viagens pela Europa, em visitas a centros de acolhimento, escolas de cegos e todos os locais onde de alguma forma se provia a educação e preparação para a vida destes cidadãos, sempre com a finalidade de os autonomizar

⁴ *Jornal dos Cegos*, n.º 12, Outubro de 1896, p. 96.

⁵ N.º 1, Novembro de 1895, p. 2.

⁶ N.º 1, Novembro de 1895, p. 1.

⁷ N.º 56, Junho de 1900, p. 450.

⁸ *Idem*.

⁹ N.º 56, Junho de 1900, pp. 451-452.

¹⁰ N.º 48, Outubro de 1899, p. 381.

e tornar auto-sustentáveis: “[...] É pelo que vi no estrangeiro, que vou começar a relatar o que se pratica nos diferentes paizes da Europa, a favor dos pobres cegos.”¹¹ Tal justifica que entre os colaboradores do jornal surjam, a par de figuras nacionais, muitos autores estrangeiros, que aí faziam partilha das suas experiências: H. J. Lenderink, diretor do Instituto de Jovens Cegos de Amesterdão, com o artigo redigido em francês: *Mémoire Sur l' Institution des Jeunes Aveugles d'Amsterdam*; Padre Senna Freitas¹²; M. A. Bütner, diretor do Institut Royal des Aveugles de Dresde; Dr. Vittorio Cereseto, médico oftalmologista de Génova; G. I. Koeff; E. Guilbeau; J. Moldenhawer, diretor do Instituto de Cegos de Copenhague; Bernardo Lucas¹³; Damasceno Nunes; Z. Consiglieri Pedroso¹⁴; Luciano Cordeiro¹⁵; M. Hall, diretor do Instituto de Cegos de Filadélfia; Valentim Magalhães, poeta brasileiro; José Silvestre Ribeiro; F. Adolpho Coelho¹⁶; Etienne Roland, lente da Universidade; Dr. Kohn de Breslau; C. H. Pillard, diretor do Instituto de Cegos de Nancy; Pérouze; C. F. Fraser; Lucy Pearce Brownell; Eugénio Lorin; Balu W.; I. Widmarck; Armando Eram; Tadasu Joshimoto; Luís E. Sepulveda Quadra.

Uma interação com o estrangeiro que terá contribuído para o reconhecimento nacional e internacional do próprio jornal, premiado na Exposição Industrial do Porto (1897), na Exposição da Imprensa de Lisboa (1898), e na Exposição Universal de Paris (1900).

MISSÃO

Foram diversos os institutos, instituições, escolas, asilos, visitados por Branco Rodrigues, primeiro em França e Inglaterra, um pouco mais tarde em Itália. Deixamos aqui os nomes de alguns, tratados nas páginas deste Jornal: Institution Nationale des Jeunes Aveugles (Paris)¹⁷; Asylo de rapazes entrevados e pobres, fundado e dirigido pelos irmãos hospitaleiros de S. João de Deus

¹¹ N.º 1, Novembro de 1895, p. 2.

¹² Senna Freitas (1840-1913). Escritor e orador português. A sua obra é multidisciplinar, desde o sermão à novela, do ensaio filosófico à crónica. In: *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 28, p. 259.

¹³ Bernardo Lucas (1856-?). Advogado, licenciado em direito pela Universidade de Coimbra. Era dotado de faculdades excecionais de orador, que se tornaram famosas na defesa de casos mediáticos, como na defesa do jornalista João Chagas. Publicou numerosos trabalhos jurídicos, colaborou em diversos periódicos e fundou em 1916 uma escola para a educação de raparigas. Na sua mocidade publicou dois livros de versos. Lecionou italiano no Conservatório de Música do Porto.

¹⁴ Consiglieri Pedroso (1851-1910). Escritor, professor e político republicano, foi uma figura proeminente no seio do partido progressista. Aos 20 anos começou a colaborar em diversos periódicos de Lisboa. Foi diretor do Curso Superior de Letras, presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa e sócio efetivo da academia das Ciências de Lisboa.

¹⁵ Luciano Cordeiro (1844-1900). Historiador, geógrafo, jornalista e político. Foi secretário perpétuo da Sociedade de Geografia, da qual também foi membro fundador. Destacou-se no serviço à propaganda africanista. In *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 7, pp. 667-668.

¹⁶ Adolfo Coelho (1847-1919). Professor e filólogo. Foi pioneiro em Portugal ao fazer um estudo comparativo das línguas românicas, que publicou na obra *A Língua Portuguesa*. In *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira*, Vol. 7, pp. 41-42.

¹⁷ N.º 1, Novembro de 1895, p. 4.

(Paris)¹⁸; Instituto das irmãs cegas de S. Paulo (Paris)¹⁹; Hospício Quinze-Vingts (Paris)²⁰; Instituto Real da Bélgica em Woluwe (Saint Lambert), Bruxellas). A apresentação destes casos, bem como dos métodos de ensino praticados, revelam a importância da partilha de conhecimentos e troca de experiências, que deram inclusivamente lugar a iniciativas de natureza internacional, como o Congresso Internacional Para o Melhoramento da Sorte dos Cegos, que se realizou em Paris em Agosto de 1900²¹.

O nº 53, editado em Março de 1900, dedica-se, das páginas 424 à 426 ao elogio da obra do tiflólogo dinamarquês J. Moldenhawer pelas palavras de Álvaro Coelho. O nº 2, editado em Fevereiro de 1901, destaca H. J. Lenderink, diretor do Instituto dos Cegos de Amesterdão. O nº 5, de Maio de 1901, o conselheiro A. A. Mell, diretor do Instituto Imperial Real de cegos de Vienna.

As descrições do que foi observado nas escolas são acompanhadas de ilustrações que demonstram algumas aulas práticas. Branco Rodrigues era fascinado e entusiasta por todos os métodos de ensino para cegos e é imbuído desse espírito que nos apresenta no nº 5, “O cubarithmo – Apparelho de calculo para os cegos”, dedicando duas páginas a descrever em pormenor como funcionava e como aprendiam os cegos a ler e escrever algarismos, assim como a resolver problemas aritméticos.

Também dedica texto às diversas formas que os cegos têm de perceber o mundo, a sua psicologia, relatos na primeira pessoa e de histórias pessoais (entre as quais a história de Helen Keller, que se estende por alguns números), formas de escrita: “Escripta Vulgar – Escripta Convencional”, conselhos para os pais educarem os seus filhos cegos²², os cegos na sociedade²³, estudos e publicações sobre o tema, a situação da mulher cega,²⁴ profissões para os cegos, tudo isto intentando provar que a cegueira não é, de todo, um fator de exclusão.

Os números 30 e 31 saem numa só edição e dedicam-se à narrativa sobre os descobrimentos portugueses, que comemoravam então o seu quarto centenário, fazendo-o em várias línguas além do português: francês, italiano, inglês e alemão. Esta edição foi distribuída por diversas instituições de cegos espalhadas pelo mundo, conforme o nº 35 da revista relata.

ASILO DOS CEGOS DE CASTELO DE VIDE

¹⁸ N.º 2, Dezembro de 1895, p. 12.

¹⁹ N.º 6, Abril de 1896, p. 45.

²⁰ N.º 6, Abril de 1896, p. 46.

²¹ N.º 12, Dezembro de 1902, pp. 91-92. O nº 1 deste mesmo ano relata-nos a experiência de Helen Keller.

²² N.º 20, Junho de 1897, p. 154.

²³ N.º 21, Julho de 1897, p. 161.

²⁴ N.º 24, Outubro de 1897, p. 187.

Portugal é, no entanto, a preocupação central de Branco Rodrigues, que foca a sua atenção na escola de Castelo de Vide, para onde envia todos os lucros obtidos com a venda desta revista. As visitas ao estrangeiro servem apenas para observar, com o objetivo de depois aplicar no nosso país:

“Eu, que acabo de visitar oficialmente os principaes estabelecimentos de ensino e protecção que existem na Europa, destinados aos cegos, posso, com verdadeiro orgulho patrio, confessar que vim encontrar no meu paiz um instituto que me maravilhou, não só pelas condições em que foi fundado, como também pelos assombrosos resultados que tem obtido com a recente introdução de ensino litterario e musical.”²⁵

O asilo de cegos Castelo de Vide foi autorizado por portaria de 18 de Abril de 1856, mas apenas inaugurado em 20 de Julho de 1863. Teve como mentor Juzarte Sameiro que cegou devido a doença congénita, embora tenha recuperado a visão após uma cirurgia. Não tendo sobrevivido por muito tempo à sua obra, “[...] dotou o asylo com toda a sua riqueza, que orçava por noventa contos de réis em bens de raiz[...]”²⁶, deixando como responsável o seu irmão José Godinho Juzarte de Sequeira Sameiro. Com o tempo, o asilo expandiu-se com a aquisição de um novo edifício: o convento de S. Francisco em Castelo de Vide. No entanto, limitava-se a exercer uma atividade educativa. A visita de Branco Rodrigues foi determinante para dar à direção da escola uma outra visão sobre o ensino dos cegos:

“[...] os cegos, por mais desenvolvida que fosse a sua educação litteraria e musical, estavam alli condemnados a uma clausura perpetua; e que, à imitação do que se pratica no estrangeiro, as creanças deviam receber o ensino profissional, que as habilitasse a ganharem os meios de subsistencia.”

Em 16 de Dezembro de 1895 foram fundadas as oficinas Branco Rodrigues, assim batizadas em honra do seu mentor, que se dedicaram ao ensino e fabrico de canastras para exportação de sal, carne, peixe, etc., negócio este que redundou num enorme sucesso.

BRANCO RODRIGUES

José Cândido Branco Rodrigues (Lisboa, 1861-S. João do Estoril, 1926), nasceu no seio de uma família da alta burguesia alfacinha, inovou em Portugal com o seu pioneirismo ao criar condições que tornaram possíveis a escolarização, a preparação profissional e intelectual dos deficientes visuais e a sua progressiva inclusão social. Branco Rodrigues ajudou a fundar o Asilo-Escola da Associação Promotora do Ensino dos Cegos (1888), onde introduziu o ensino do Braille e,

²⁵ N.º 9, Julho de 1896, p. 67.

²⁶ N.º 13, Novembro de 1896, p. 98.

contribuiu fortemente para a aprovação da legislação que oficializou o ensino dos cegos em Portugal (1894). Ainda criou o *Jornal dos Cegos* (1895-1920) e promoveu as primeiras impressões em Braille feitas no país, para além de ter fundado várias instituições para o ensino dos deficientes visuais: o Instituto de Cegos Branco Rodrigues (1900) em Lisboa (nas instalações da Escola Comercial Rodrigues Sampaio) que em 1913 se mudou para um edifício próprio em S. João do Estoril; a Escola de Cegos do Porto (em 1903) e as Oficinas Branco Rodrigues em Castelo de Vide, tendo-as dotado de bibliotecas em Braille.²⁷

Viu o seu trabalho reconhecido em vida, não apenas pelos prémios obtidos para a sua revista como pelas menções honrosas feitas ao seu trabalho em diversos periódicos do país: *Primeiro de Janeiro*, *Comércio do Porto*, *Jornal de Notícias*, *Voz Pública*, *Vida Moderna*, *Diário de Notícias*, *Vanguarda*.

Independentemente das viagens continuou a troca de correspondência com responsáveis por outros Institutos de cegos espalhados pela Europa. Alguma da correspondência assumia um carácter técnico, como poderá ser constatado na leitura dos números agora disponibilizados. Outra, assumia a forma de colaboração no periódico.

BIBLIOGRAFIA

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, imp. 1978

RODRIGUES, Branco – *Jornal dos cegos : revista de typholologia : revista de educação e ensino intelectual e profissional dos cegos*. Lisboa : Livraria Catholica, 1895-[1920]

Consultas na Internet:

Word Press, *Toponímia de Lisboa* [em linha] [Consult. Dez. 2016]. Disponível na Internet em: «URL: <https://toponimialisboa.wordpress.com/2013/12/03/a-rua-do-fundador-do-instituto-de-cegos-de-lisboa/>»

²⁷ In: <https://toponimialisboa.wordpress.com/2013/12/03/a-rua-do-fundador-do-instituto-de-cegos-de-lisboa/>